

Alô, Brasil!

Como seriam as viagens se não existisse a hora de voltar pra casa? Não teriam tanta graça, claro. Tão gostoso quanto conhecer pessoas e lugares novos é contar tudinho, mais tarde, para os parentes e velhos amigos.

Em 22 de novembro de 94, um dia frio e chuvoso, embarquei no aeroporto de Confins, com destino a Porto Trombetas (PA). O termômetro marcava 18 graus em Belo Horizonte.

Depois de paradas nos aeroportos de São Paulo (SP) e Manaus (AM), desci no norte do Pará (veja mapa nesta página), curiosa, incomodada com o calor e espantada com as mudanças: 12 graus a mais na temperatura (cadê o frio e a chuva?) e 2 horas a menos no relógio. Fazia um bruto calor em Trombetas e eu estava de blusa de lã!

Veja se não é espantoso: depois de viajar 6 horas de avião, com velocidade média de 900 km por hora, eu continuava no Brasil! Brasil? Mas tudo parecia tão diferente... E era só o começo.

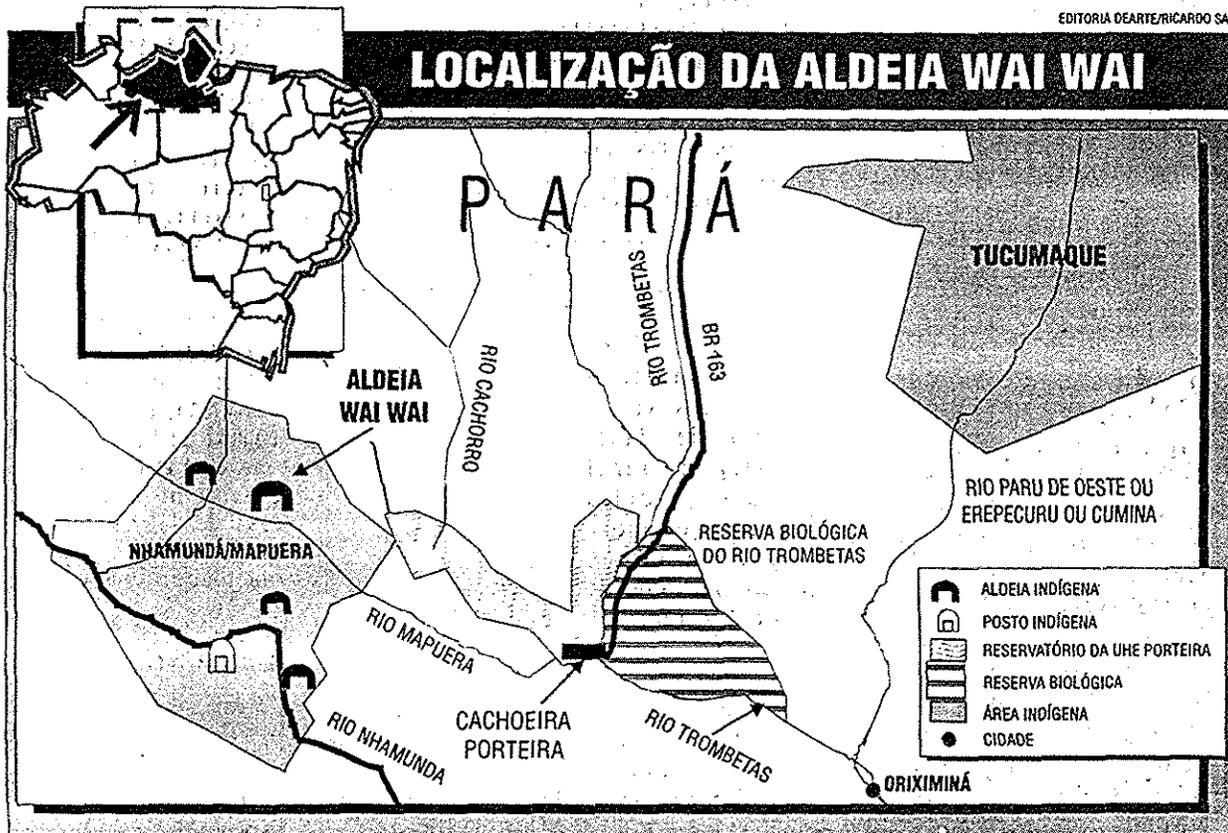
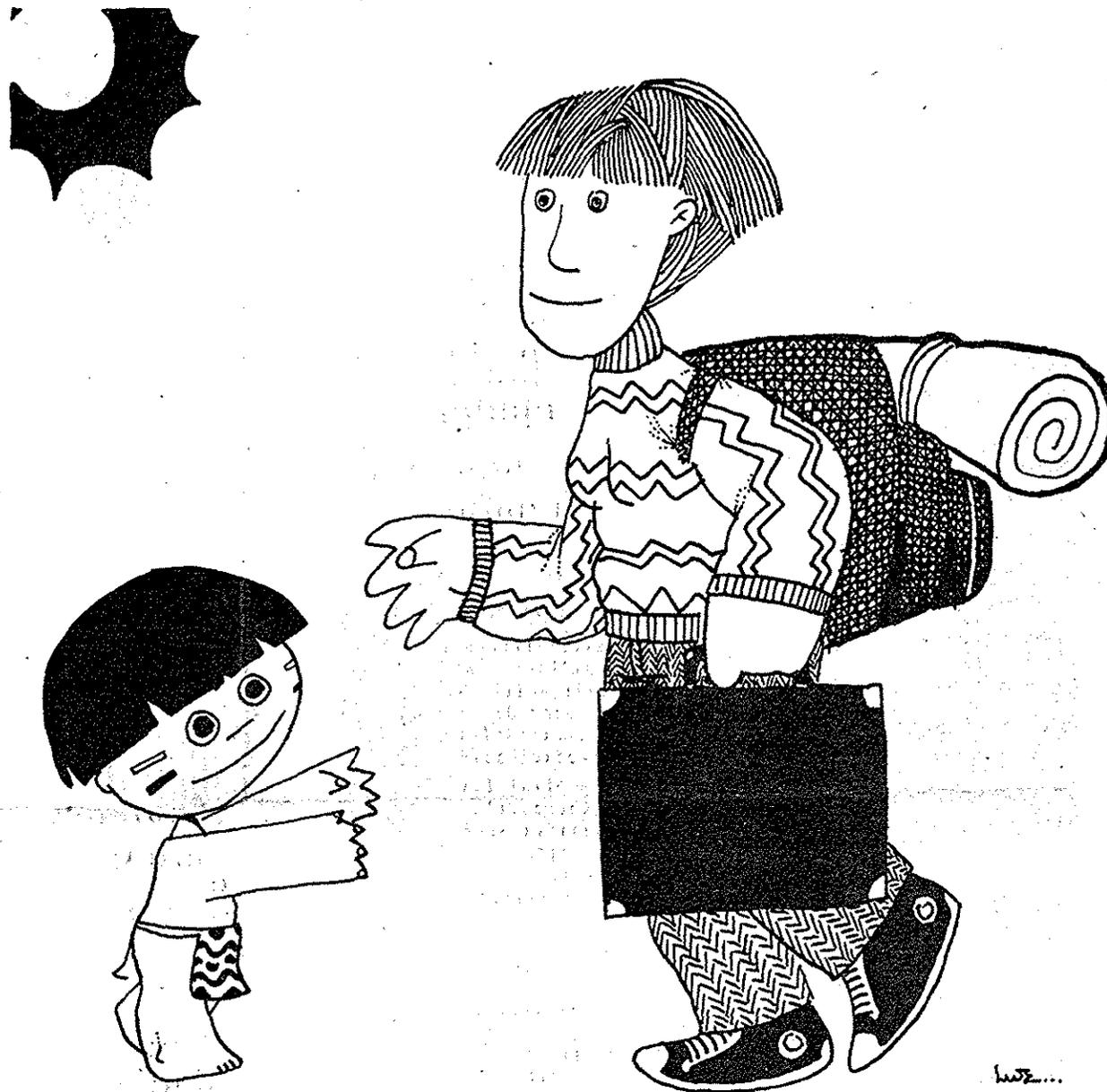
Voltei pra casa, um mês e meio mais tarde, no dia 10 de janeiro. Conheci algumas cidades grandes do Norte, mas vivi a maior parte do tempo na tribo dos índios Wai Wai, no rio Mapuera.

Naquele ponto perdido no alto do mapa brasileiro, um lugar muito especial em plena selva amazônica, eu e meus amigos Ruben Caixeta, Nélcio Costa e Caco de Souza trabalhamos na produção de um filme sobre os Wai Wai.

É a história desta viagem que o PROGRAMINHA vai contar nas próximas semanas. Além das nossas aventuras pelo Norte, você vai conhecer de perto a vida das crianças Wai Wai de Mapuera e aprender um pouco mais sobre os povos indígenas brasileiros. Bem-vindo a bordo (da canoa, claro)!

Veja também as páginas 4 e 5.

*Cláudia Mesquita é jornalista e vai publicar sua viagem à tribo Wai Wai no PROGRAMINHA, com exclusividade, até os dias 11 e 12 de março.



EDITORIA DE ARTE/RICARDO SA

Wai Wai

NO CORAÇÃO DA SELVA

De malas prontas



Viajar para uma aldeia de índios na Amazônia não é tão simples quanto passar as férias em Guarapari. Requer muita disposição e alguns cuidados.

Não basta comprar protetor solar: é preciso tomar vacina contra febre amarela e preparar uma farmacinha bem completa (sabe lá o que seu organismo vai sentir durante a viagem?!).

Rede, saco de dormir e um bom estoque de bolachas são sempre úteis. Mas isso não é o mais importante. Para visitar uma tribo no Brasil, é preciso ter autorização da Funai — a Fundação Nacional do Índio, órgão do governo federal responsável pelo controle da entrada de pessoas estrangeiras nas aldeias.

Geralmente, só estudiosos e pesquisadores têm permissão oficial para passar muitos dias entre os índios. Médicos e dentistas da Funai também costumam visitar as tribos, a serviço.

Os próprios índios (os líderes, especialmente) não gostam de ver brancos zanzando à toa pelas aldeias, fazendo turismo. Para permanecer em área indígena, você deve ter uma atividade definida, que não atrapalhe o dia a dia da comunidade.

Os índios têm um monte de razões históricas para desconfiar de nós, os “brasileiros”, chamados pelos Wai Wai de *Karaiwás*. Tem gente que acredita que, quando os portugueses chegaram ao Brasil, em 1500, havia cerca de 5 milhões de índios (duas vezes a população de Belo Horizonte), só na Amazônia.

Hoje vivem apenas 200 mil índios em todo o país. Doenças “brancas” e embates com os colonizadores massacraram os povos indígenas brasileiros no passado. E o que é pior: os índios continuam sendo mortos hoje em conflitos com fazendeiros e garimpeiros.



Meia noite da noite. Um barco cheio de índios Wai Wai vem de Oriximiná, pára em Porto Trombetas e segue viagem em direção a Cachoeira Porteira, cidade do norte do Pará. Pó pó pó pó pó: muitas redes, muita gente dependurada e 12 horas rio acima.

Em Porteira, uma cidadezinha quase fantasma, o rio Mapuera lança suas águas verdes no rio Trombetas. A partir dali, a selva amazônica é a dona do pedaço. Bichos, água, mata fechada e pouquíssima gente. A cidade mais próxima não é bem uma cidade — é a aldeia dos índios Wai Wai, no rio Mapuera.

É pra lá que vamos, depois de mudar de barco: três enormes canoas, carregadas de crianças, homens e mulheres. Os índios estavam em Oriximiná: alguns vendiam farinha e artesanato; outros cuidavam da saúde. Uma índia traz seu bebê, nascido na cidade, de volta pra casa.

A viagem não é brinquedo, mas tem gosto, cheiro e clima de aventura: três dias de canoa pelo rio, debaixo de um bruto sol. Isso quando não desabam os famosos torós da Amazônia, as chuvas mais fortes que existem.

Para os Wai Wai, acostumados com longas travessias, uma viagem de três dias é moleza. Eles não estão aflitos pra chegar em casa e sabem se divertir: caçando, pescando, empurrando as “kanawas” nas cachoeiras, conversando e dando muita risada.

A Amazônia é um novelo verde, feito de cipós, árvores e formigas, muitas formigas. Os Wai Wai estão sempre alertas para os ruídos da mata: dificilmente deixam a caça — veados, antas, pacas, macacos, araras e outros habitantes da selva — escapar.

As armas são arcos e espingardas. Para cada tipo de bicho, uma flecha diferente. A flecha dos pássaros é a mais engraçada: no lugar da ponta perigosa, um pedaço redondo de pau. Os Wai Wai derrubam as aves sem furá-las. É o truque para conservar as penas, usadas em colares e outros enfeites.

Cinco da tarde é hora de estacionar canoas na beira do Mapuera e se preparar para dormir na floresta, amarrando as redes nos troncos das árvores. Antes, o jantar: peixes e bichos assados, com farinha de mandioca brava, amarelinha. Há pouco sal e a pimenta do mato é o único tempero. Na primeira noite, o prato principal é churrasco de macaco guariba (aquele do pêlo vermelho).

Às cinco da manhã, todos já pularam das redes. Tempo de seguir viagem, rio acima. Uma viagem recheada de histórias legais. Mas nada se compara à chegada na aldeia. É o que o PROGRAMINHA conta na próxima semana.

UM POUCO DE HISTÓRIA

Tudo mundo pergunta se os Wai Wai (fala-se “uai uai”) são índios mineiros. Nada disso. Eles vivem há centenas de anos no norte da Amazônia, na fronteira do Brasil com a Guiana Inglesa.

Até a década de 40, os índios Wai Wai praticamente desconheciam os homens brancos. Viviam isolados na selva, coletando frutos, caçando, fazendo festas e principalmente viajando.

Adoravam visitar outros povos, arrumar casamentos e descolar presentes espertos: cachorros, missangas e outros artigos que só as tribos que já conheciam os brancos tinham em mãos.

Em cada aldeia Wai Wai moravam no máximo 50 índios, todos na mesma casa. Cada aldeia tinha cerca de 5 *yaskomos*, homens que detinham poderes mágicos, médicos e espirituais.

Os homens Wai Wai usavam penteados exóticos e andavam nus, de mãos dadas, com pinturas no corpo. Sempre tiveram fama de alegres, vaidosos e brincalhões.

Em 1947, chega à Guiana um casal de missionários americanos. Querem convencer os índios a se tornarem como eles: religiosos, vestidos, cheios de “certos” e “errados”.

No começo, os Wai Wai bateram o pé: não queriam as mudanças. Com o tempo, a situação ficou feia — doenças desconhecidas, como a gripe e o sarampo, vieram pra selva junto com os missionários. Muitos índios morreram. Os outros precisavam dos remédios dos brancos pra sobreviver. Acabaram aceitando a presença da missão.

Na década de 70, a missão e os índios deixaram a Guiana e mudaram para o rio Mapuera, onde vivem até hoje. Os Wai Wai abandonaram as casas tradicionais e hoje cada família mora numa casa, como a gente. Índios de outros grupos parentes — como os katuena, xeréu, hixkaryana e tiriyo — moram com eles, na mesma aldeia.

